

(Texto publicado em *Instantes – Revista Literária*, ano IV, número 12, julho-outubro 1999)

Apenas uma história de professor. Corria o ano de 1985 e o mestre, recém-formado, já dava aulas na universidade quando, premido por seu salário de iniciante, faz concurso também para o magistério estadual e é aprovado. Designado para uma escola em Campo Grande, leciona História para seis turmas do período noturno. "Caxias", chega na hora, trabalha duro em sala de aula, procura dar o melhor de si. Em vão: alunos roncavam a sono solto ou exibiam faces simpáticas porém entediadas diante de tanto esforço. "Cansaço depois de um dia inteiro de trabalho", dizia para si mesmo, a consolar-se. Assim foi até a primeira avaliação. Veio então a revolta: trezentos alunos e nem mesmo um resultado positivo, pelo contrário, inúmeras provas literalmente iguais, comprovando que a "cola" fora ampla, geral e irrestrita. Diante dos mesmos alunos que, há pouco tempo, lhe inspiravam certa pena, expressou toda a sua revolta. Aquela era a paga para o trabalho honesto, para a dedicação ? Esteve a ponto de chamá-los de obtusos, por não terem sido capazes, nem mesmo, de copiar as provas de alguém que soubesse responder as questões. Assim terminava, melancolicamente, o primeiro semestre.

Uma semana de férias, cabeça mais fresca para pensar, começou a refletir: trezentos alunos errados, estariam trezentos errados e apenas um certo, no caso, ele ? Começou a trabalhar com a hipótese contrária: ele deveria estar errado e os alunos com a razão. Fosse como fosse, decidiu arriscar. No retorno à escola, mudou tudo: nada de aulas "expositivas", nada de "fontes primárias" analisadas "seriamente". Resolveu usar dois volumes de uma História do Brasil em quadrinhos, fazendo várias cartolinas com os desenhos. Dividiu a turma em grupos de quatro a cinco alunos. Ia de grupo em grupo "tirando as dúvidas". Antes, não havia aluno corajoso o suficiente para perturbar a solenidade do professor com uma mísera perguntinha. Agora, incentivados pelo humor do texto que liam, liberados pelo contato direto, na presença dos amigos do grupo, não hesitavam em indagar.

- Professor, o que é monopólio ?
- Você trabalha em que ?
- No comércio...
- Ele vende cachaça no boteco, professor.

- Pois bem, você vende a cachaça por um preço X. Imagine que não houvesse nenhum outro botequim no bairro, só o seu, vendendo cachaça ... O que aconteceria ?
- Poxa, eu ia vender caro pra caramba...
- Era o que Portugal fazia com o Brasil...

E assim o mestre ia descobrindo seus alunos, suas vidas e experiências. Os descobria risonhos, alegres, cheios de vida e, curiosamente, sem sono algum. Começava a perceber que, nos grupos, um ensinava ao outro, trocavam-se idéias. Agora ouviam-se diversas vozes, um burburinho agradável, e o professor ouvia mais do que falava. Era preciso ir além. Ao invés de uma "prova", pede aos alunos que façam um samba, sim, um samba, com os temas trabalhados pelos textos.

- Só pode ser samba, e rock, professor ?
- Tá bom, pode qualquer tipo de música.

Novidades, entretanto, assustam, e os alunos temiam não ser capazes de levar a cabo a "tarefa". Durante a leitura das cartolinas, um grupo se destacara: era todo formado por meninas, meninas que pareciam divertir-se mais do que ninguém com as piadas do texto, a julgar pelas sonoras gargalhadas que davam. E foi este grupo que, antes de qualquer um, fez um sambinha, comentando criticamente a "Independência" do Brasil e nossa primeira constituição, que falava em liberdade mas aceitava a escravidão. A música era boa e as meninas batucaram e cantaram direitinho. Foi um delírio. Levei-as até as outras turmas e o efeito foi imediato: todos começaram a acreditar na sua capacidade de fazer algo semelhante. No dia da "prova", fomos para o auditório, onde os grupos se sucediam com rocks, sambas, canções variadas, cuja adequação era julgada pelos próprios colegas. A última turma, entretanto, reservava uma surpresa. Havia feito uma peça de teatro. Desta vez, o tema não era "histórico", ou melhor, contava a "nossa" história: de como as aulas, no começo, eram intermináveis e chatíssimas, de como o professor falava sem parar, de como ficara enfurecido com o resultado da primeira prova e de como tudo mudara com a adoção do novo "método". Um a um, no final da aula, os alunos vieram cumprimentá-lo. Mal sabiam eles que haviam sido mestres, e o professor, aluno. Um aluno que percebera a riqueza da tradição oral de que dispunham aqueles jovens, a qual, todavia, podia ser utilizada a favor da cultura escrita e letrada. Um aluno que aprendera que o prazer e o riso são didáticos e que a seriedade, por vezes, é apenas chatice. Por isto, mais de uma década

depois, aquele aluno, humildemente, e de coração, vem a público dizer: muito obrigado rapaziada do Raja Gabaglia, pela lição mais importante. Há que aprender antes de ensinar e é preciso ouvir antes de falar.

Marcos Alvito  
28 de maio de 1999